

Reflexões a respeito do corpo e da cotidianidade no processo de envelhecimento e na vivência da velhice.

Resumo.

No presente texto mostrarei como o estudo do processo de envelhecimento e a vivência da velhice merecem uma discussão a respeito do corpo e da cotidianidade a partir do prisma da corporificação ou corporeidade (Scordas; 2008), como forma de superar a dualidade mente/corpo. Para tanto, apresentarei uma narrativa de vida de um casal, Dom Jorge e Dona Glória, os quais, mesmo padecendo de doenças incapacitantes agenciam a estrutura social na qual vivem em sua vida cotidiana.

1. O tema.

Os temas da velhice e do processo de envelhecimento fazem parte de meus interesses de pesquisa desde minha graduação em Antropologia Social na Universidade do Chile, coincidindo também com o início de minha participação em diferentes grupos de estudo. No presente trabalho pretendo apresentar parte da minha pesquisa de doutorado, bem como expor algumas reflexões preliminares por meio da narrativa da vida de um casal de idosos, Dona Glória e Dom Jorge, interlocutores presentes na investigação.

O aumento da expectativa de vida e, por conseguinte, o aumento do número de pessoas que atingem a etapa da velhice são parte de um fenômeno contemporâneo sem precedentes na história da humanidade. Assim, a população mundial vem alcançando idades avançadas, dando origem a uma problemática que exige novas formas de compreensão bem como de intervenção. Em vista disso, muitas das formas de entender a velhice e o processo de envelhecimento encontram-se ancoradas em visões tradicionais que restringem os espaços sociais de participação ou então baseiam-se na ideia de uma única forma de ser velho e de envelhecer. Neste sentido, torna-se imperativo integrar a variedade de cenários à reflexão do tema em que essa construção se expressará. Dessa forma será possível aprofundar o estudo de diferentes contextos de formas heterogêneas de viver a velhice dentro de um mesmo espaço geográfico.

Tendo essa reflexão como pano de fundo, minha tese de Doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul visa a análise da construção social da velhice e do envelhecimento no Chile, especificamente em um vilarejo de tradição mineradora chamado *Inca de Oro*, localizado no norte do país. Em *Inca de Oro* é possível constatar a confluência de dois aspectos da modernidade no Chile, por assim dizer: uma economia fortemente vinculada à mineração, que gera lucros

vultosos e o envelhecimento da população, expresso em uma maior expectativa de vida com significativo aumento do número de pessoas maiores de 60 anos.

Assim, a pesquisa busca entender como, no processo de modernização e de industrialização do país, nasce uma comunidade que gira em torno da atividade mineradora e dos problemas contemporâneos que se apresentam para as pessoas que nela vivem. Se considerarmos que o contexto no qual se envelhece relaciona-se com a forma de viver a velhice (Treviño; Pelcastre; Marques, 2006) e que a maior parte dos estudos realizados no Chile se concentram principalmente nas chamadas áreas urbanas, de alta densidade demográfica (Vogel, 2010), podemos nos perguntar como será vivenciada a velhice e o envelhecimento em um vilarejo como *Inca de Oro*.

O objetivo é dirigir o foco para a dimensão cultural e simbólica dos processos de velhice e de envelhecimento, pensando a cultura como algo não estático e sim também histórico, de forma a não limitar sua interpretação. A hipótese em que se baseia o problema de investigação aqui resumido é a seguinte: nesta comunidade, a forma de envelhecer e a forma de vivenciar a velhice estão relacionadas com o processo e forma de extração de minérios, existindo manifestações socioculturais específicas marcadas por uma cultura mineradora tradicional, a chamada *pirquineria*¹. As pessoas que realizam essa atividade percorrem o deserto à procura de jazidas de minérios ou lugares onde explorar minerais preciosos e com o passar do tempo perdem o sentido de pertencimento a um lugar único, adotando o deserto como lar, vivendo em liberdade sem se submeter a ninguém (Arredondo, 2014). Esse minerador faz parte de outra forma de compreender o trabalho na mineração, muito distante da figura do operário-mineiro presente nas explorações organizadas em larga escala, como as de salitre, cobre e carvão, entre outros.

Com tais reflexões em mente, comecei meu campo da pesquisa em *Inca de Oro*. Assim, permaneci no povoado de outubro de 2014 até janeiro do 2015. Durante esse tempo, consegui retomar o contato com alguns interlocutores que já tinha conhecido em uma experiência de trabalho que havia tido em 2012. Além disso, também pude conhecer novos interlocutores, por meio dos interlocutores antigos que foram me abrindo novas portas, bem como através da Etnografia, ou seja, as pessoas com as quais entrei em contato ao longo de vários dias de observação das dinâmicas das ruas do povoado, dos seus lugares e espaços locais.

Desta maneira o campo foi me mostrando novos caminhos e novas formas de me aproximar ao estudo da velhice e do envelhecimento. Neste sentido, a forma de enxergar a discussão seguida em minhas diferentes pesquisas tem sido a partir de um olhar mais próximo à Sociologia, privilegiando uma visão centrada mais na sociedade do que nos indivíduos, por exemplo, estudos sobre representações, imaginários

¹ A palavra *pirquinería* refere-se uma atividade mineradora produtiva de trabalhar em *piques* ou poços. (Romero, I; 2011, pág. 51). As pessoas que realizam essa atividade são chamados de *pirquineros*.

sociais ou formas de comunicação da temática dentro da sociedade contemporânea mais que me centrar no experimentado pelos próprios sujeitos envolvidos.

Cabe destacar que nessa área de estudo são muitas as pesquisas já realizadas por meio das quais é possível olhar de perto algumas formas de emprestar significado à velhice e ao envelhecimento presentes na sociedade atual (Abarca, 1993; Oddone, 1999; Gastrom; Vujosevich; Oddone, 2003; Vera et al., 2004; Okoye, 2004; Stevenson, 2006; Monchietti; Sánchez, 2008; Torrejón, 2007; Cerquera; Álvarez; Saavedra, 2010; Jorquera, 2010). Esses estudos mostram que, tanto na América quanto na Europa, falar de velhice e de envelhecimento tem um caráter predominantemente negativo, afirmando-se comumente que as pessoas idosas são passivas e dependentes do resto das pessoas, mostrando-as como pessoas obsoletas, inativas e dependentes. Os resultados das pesquisas revisadas (Triguero; Nascimento; Vizeu, 1999; Cuddy; Norton; Fiske, 2005; Martens; Goldenberg; Greenberg, 2005) também assinalam que a velhice e o envelhecimento estão associados à morte, à limitação, à falta de função e espaço social – o que transformaria os idosos em seres facilmente descartáveis pela sociedade. Os estudos mencionados dizem que isto se explica porque os idosos representam nosso próprio futuro, em que a morte é segura, as deteriorações físicas possíveis e a perda de nosso trabalho inevitável.

Nesse contexto, é fácil perceber um cenário mundial no qual predominam as visões negativas da velhice e do envelhecimento, constituindo uma tendência geral de perceber a velhice como uma etapa de perda dos atributos positivos da vida (Arnold et al., 2009).

2. As mudanças.

Sem desmerecer essas pesquisas nem a importância de estudar as formas de comunicação desses fenômenos na sociedade, deparei-me com o desafio de me focar na significação dos próprios idosos, visto que para entender a velhice e o envelhecimento, analisá-los ou interpretá-los, somente podemos nos remeter às experiências cotidianas experimentadas pelos idosos atuais. Dado o ineditismo do envelhecimento demográfico vivenciado atualmente não é possível estabelecer uma comparação com o experimentado por outras sociedades em outros tempos.

Deste modo e sem menosprezar valor desse caminho analítico, meu objetivo é centrar-me na experiência mesma dos idosos, em sua cotidianidade em *Inca de Oro*, tentando não cair em análises que possam se associar com visões prévias do que é ser velho na sociedade contemporânea. Para me aproximar disso me servirei de problematizações elaboradas por Veena Das (apud Ortega, 2008) que entende a cotidianidade como a unidade que resolve na prática (ou seja, na realização) a complexa relação entre agência e estrutura, subjetividade e objetividade. Através do estudo da cotidianidade espero não ficar fixada somente na estrutura, correndo o risco de um determinismo social ou somente na agência, permanecendo no nível de um simples voluntarismo. Assim, as reflexões de Veena Das permitem que me distancie de análises

binárias que reproduzam categoria pré-determinadas, em que uma certa estrutura estaria relacionada com uma determinada (e única) agência.

Percorrendo esse caminho analítico e na esteira de reflexões surgidas no trabalho de campo, notei que a questão do corpo é parte fundamental da discussão sobre a cotidianidade para entender a velhice e o envelhecimento. Chegar a esta conclusão exigiu um esforço de adentrar discussões teóricas concernentes a essa questão.

Nesse contexto é preciso abandonar a visão hegemônica que concebe o sujeito privilegiando a mente e partir para uma reflexão que incorpore a corporeidade do sujeito. Dentro deste tema o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty desenvolveu reflexões sobre o sujeito a partir de um olhar fenomenológico que enfatiza o conceito de ser no mundo buscando compreender a experiência do mundo vivido e sua expressão no corpo; assim, deve-se entender o corpo como um todo de significações vividas e não como um objeto para um “eu penso” (Apud Botelho; 2008, pág. 70). Neste autor acham-se as primeiras tentativas de superar as dualidades entre corpo e mente, sujeito e objeto, esforços que serão retomados em discussões mais contemporâneas por meio do enfoque da corporificação ou corporeidade (Scordas; 2008, 104).

Dessa forma, acredito que o estudo do corpo é de fundamental importância para entender as formas de viver. Já cedo Mauss salientou que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem e como através de técnicas as distintas sociedades sabem se servir dele (2003, 401). Bourdieu retomou essa discussão aprofundando no conceito de habitus, delineado por Mauss como mediação universalizante investida de uma dupla função: uma relação com estruturas objetivas, sendo um princípio gerador de práticas, mas também uma relação com um repertório total de práticas sociais, como um princípio unificador (Apud Scordas; 2008 110). Outros autores, tais como Fassin, incorporaram à discussão sobre o corpo a dimensão temporal. Para Fassin, o corpo não é só a presença física imediata do indivíduo no mundo como também é o lugar onde o passado deixou suas marcas. Além disso, o corpo é a presença de nós mesmos no mundo, incorporado em uma história que é tanto individual quanto coletiva (2007, 175).

Essas aproximações teóricas à questão do corpo permitem concluir que o estudo do envelhecimento deverá estar relacionado com a passagem do tempo no corpo assim como a velhice se vinculará com a vivência desse corpo na cotidianidade no sentido de Veena Das, conforme já indicamos acima.

Seguindo os argumentos até aqui expostos, considero importante referir a definição que faz a Organização Mundial da Saúde sobre o Envelhecimento e a Velhice. Segundo essa definição, o envelhecimento se refere a um processo fisiológico que tem início na concepção e que vai provocando mudanças nas características biológicas durante a vida toda. Durante tal processo, o corpo humano vai experimentando paulatinamente diferentes perdas de funcionalidade, caso em que a velhice será compreendida como o estado ou situação relacionada à idade cronológica e ao estado físico. Desta forma,

ambos estão estreitamente relacionados a mudanças degenerativas paulatinas, tais como alterações nas células, nos tecidos e no organismo em geral (Stevenson, 2006). Convém notar que, até o momento, sempre me preocupei em estudar a dimensão social que acompanha tais processos biológicos e que, entretanto, conforme já mencionei, o campo tem me mostrado que para entendê-los devo reconhecer e levar em consideração o aspecto biológico dos mesmos.

Muitas vezes, em campo, dei-me conta de que para dizer algo sobre o envelhecimento e a velhice em *Inca de Oro*, deveria me deter no corpo. Através das falas e da convivência com diferentes idosos a questão do corpo apresentou-se como algo relevante já que eles reconhecem que com a velhice algo acontece com seus corpos. Neste contexto, recordo uma idosa que me comentou; “O corpo já não dá, já são mais de 60 anos”.

Dessa forma, falar de envelhecimento e de velhice é falar da passagem do tempo no corpo, das transformações que ele vai experimentado ao longo dos anos. “Ver as fotografias de antes, que remetem a um rosto que já não é mais da gente, ver os rostos transformados dos demais depois uma longa ausência, é conhecer uma confrontação íntima do tempo metabolizado” (Le Breton, 2008: 149)².

No entanto, também advirto a importância de tomar cuidado em não privilegiar a deterioração experimentada no corpo para entender essas questões. Em novembro do 2015 participei do II Encontro de estudos promovido pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Envelhecimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e surpreendi-me em ser a única palestrante das ciências humanas ou sociais. Naquela ocasião, a maior parte das falas tratava de deteriorações físicas sofridas com a passagem dos anos e dos desafios enfrentados em disciplinas tais como como fisioterapia, fonoaudiologia, educação física, entre outras. A questão que me colocou essa experiência foi a necessidade de aprofundar as interpretações antropológicas a esse respeito, no sentido daquilo que afirmou Quesada sobre a Antropologia como sendo a disciplina que descreve experiências humanas que, de outra forma, não seriam conhecidas por outros (1998; pág. 51)³.

A inquietação de tomar cuidado de entender o corpo só como um objeto deteriorado pelo agir do tempo também surge da vinculação que se faz entre envelhecimento, velhice e deficiência física. Vinculação essa que testemunhei no Seminário de Ações Afirmativas organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em que um dos palestrantes, como forma de sensibilizar a audiência acerca das questões discutidas, fez o seguinte comentário: “A deficiência é tema de vocês também, porque algum dia serão deficientes, porque serão velhos”.

² Tradução própria.

³ Tradução própria.

Para refletir sobre isso considero pertinente me remeter as discussões feitas por Débora Diniz (2007) sobre os diferentes enfoques que com que tratar a deficiência, argumentação da qual me servirei em duas questões importantes para pensar o envelhecimento e a velhice.

A primeira diz respeito à forma como o modelo médico trata o tema, entendendo a deficiência como consequência natural da lesão em um corpo, pelo que a pessoa deficiente deve ser objeto de cuidados médicos. No entanto, essa forma de enfrentar a experiência da deficiência não dá conta do ambiente social hostil à diversidade física (Diniz. 2007: pág. 15). Essa questão pode ser levantada no campo dos estudos de velhice e envelhecimento, nos quais muitas vezes os modelos médicos centram-se no corpo como objeto que vai se deteriorando ao longo do tempo, que vai se lesionando e não alertam sobre as condições sociais hostis a uma forma diferente de corpo, o corpo velho. Além disso, Diniz salienta que as reflexões sobre a velhice e o envelhecimento deveriam compartilhar esse olhar; por exemplo a alta prevalência da artrite, bem como suas consequências debilitantes: mostram que a lesão não pode ser tratada apenas como uma tragédia individual mas sim como o resultado da organização social do trabalho (ibidem: pág. 25).

A segunda questão vincula-se à crítica ao princípio da igualdade pela independência: o argumento do modelo social era de que a eliminação das barreiras permitiria que os deficientes demonstrassem sua capacidade e potencialidade produtivas. Essa ideia foi criticada pois era insensível à diversidade de experiências da deficiência. A sobrevalorização da independência é um ideal perverso para muitos deficientes incapazes de viver isso; pois jamais terão habilidades para a independência ou capacidade para o trabalho, ainda que barreiras sejam eliminadas (pág. 62). Na velhice muitas vezes ocorre que a decadência física impede viver de forma independente sem o cuidado de outros. Assim, as relações de dependência são inevitáveis na vida social, ao contrário da visão das sociedades industriais que privilegiam um indivíduo independente e produtivo.

Dessa forma, as análises feitas poderão dar conta da forma como se vivencia a velhice e o envelhecimento em idosos ou seja, dando conta das formas como esses idosos agenciam, em sua cotidianidade, a estrutura social na qual vivem.

3. O caso.

Conheci Dom Jorge e Dona Glória na inauguração de uma nova central de tratamento de água da empresa de *Agua Chañar*, localizada nos limites do povoado Inca de Oro. Essa usina chegou a ser construída pela empresa em função de uma longa luta para o melhoramento da qualidade da água visto que por muito tempo esta não era potável, fazendo com que os incanos tivessem que adquirir bombonas nos armazéns ou pagar pelo serviço de pessoas que vendiam água trazida dos altos da cordilheira. No entanto, a inauguração da usina não termina com essa prática devido ao grande número de anos de anos que levou para

ser completada, representando um passo muito importante no melhoramento da qualidade de vida dos incanos.

A primeira coisa que chamou minha atenção, quando percebi que havia um casal de idosos e uns dos poucos incanos sem algum tipo de cargo público assistindo ao evento, foi a condição de Dona Glória, que estava sentada sobre um *burrinho*, carrinho que ela segura com ambas as mãos e empurra na medida que avança. Esse objeto lhe permite se movimentar pois suas pernas não possuem a força necessária para fazê-lo por si mesma, o que lhe provoca muito cansaço. Nesses momentos, ela tem a possibilidade de se sentar no mesmo carrinho.

Após os discursos de praxe do prefeito, das autoridades da empresa bem como das autoridades do povoado, aproximei-me para cumprimentá-los aproveitando o momento do coquetel oferecido no evento. Dessa forma, soube que eles levavam mais de 20 anos juntos, e que fazia mais de 70 anos que tinham problemas significativos de saúde. Apesar de que Dom Jorge não utilizasse objeto que o auxiliasse a caminhar, contou-me que sofria de silicose, uma doença pulmonar causada pelos longos anos nos que trabalhou como *pirquinero* nas minas sem proteção, ou seja, sem qualquer equipamento que o impedisse de aspirar o pó residual dos minérios que passava pela peneira manualmente. A silicose faz que Dom Jorge não possa se movimentar fora da sua casa por muito tempo sem utilizar um equipamento de oxigênio. Quando o conheci ainda podia permanecer algum tempo sem ele, mas sua condição foi se agravando com o passar do tempo. Dona Glória, por sua vez, sofria de problemas nos quadris, produto de uma forte queda que havia sofrido há alguns anos. No final da atividade acompanhei-os para sua casa onde moram sozinhos e eles me convidaram a lhes visitar quando tivesse vontade, o qual fiz.

Ambos têm filhos de relacionamentos anteriores. Os familiares de Dom Jorge moram em *Copiapó*, cidade localizada a uma hora de *Inca de Oro*. Apesar da proximidade eles não se veem muito e preferentemente é Dom Jorge quem visita os quando, por algum motivo, deve ir à cidade, o que acontece principalmente por motivos médicos. Dona Glória não tem contato com seus filhos nem outros familiares, sentindo-se abandonada por eles, sendo que inclusive uma de suas filhas vive no próprio vilarejo, mas elas não têm um bom relacionamento e não se falam há muito tempo.

Depois desse primeiro encontro visitei-os em casa muitas vezes. Algumas vezes tomávamos café da tarde, assistíamos televisão, em outras ocasiões eu ajudava Dona Glória com os afazeres domésticos. Ainda que ela não me pedisse eu sentia vontade de ajudar devido ao fato de que na maioria das vezes ela sentia muita dor nos ossos. No decorrer das visitas Dom Jorge piorou e muitas vezes ficava deitado na cama conectado ao aparelho de oxigênio por longos períodos. Tomando café à tarde ela me contava que se sentia muito cansada e com muita dor, mas que ela não podia ficar na cama como Dom Jorge porque alguém devia fazer as coisas, assim ela não podia se cansar. Lembro uma vez que bati na porta e Dona Glória me abriu

com evidente pesar, estava muito preocupada visto que Dom Jorge tinha sofrido uma crise tão forte que ambos acreditaram que morreria, por causa disso ele achava-se na cama conectado ao oxigênio. Dona Glória também me contou que sentia muita dor nos ossos, mas que ela devia ficar forte porque alguém tinha que dar conta da casa, mesmo assim suas pernas doíam muito e apenas conseguia se manter em pé. Nessa oportunidade as crises se desencadearam porque tinham viajado a Copiapó e ficaram muito cansados, além disso no dia anterior tinham lavado roupas de cama, lençóis e cobertores e Dom Jorge torceu as roupas com suas mãos, o que lhe causou ainda mais cansaço. Segundo Dona Glória, mesmo possuindo secadora, a situação econômica não lhes permitia gastar essa quantidade de energia, água e detergente pelo que tiveram que realizar o trabalho à mão.

Uma primeira leitura sobre essas situações cotidianas poderia ser olhar a vida de Dom Jorge e Dona Glória privilegiando a vulnerabilidade que experimentam por estarem doentes, morarem sozinhos e por não terem alguém que lhes pudesse ajudar, pela condição econômica na que vivem. No entanto, uma visão assim não reconhece a agência presente na cotidianidade do casal, não sendo o caminho analítico a ser usado nesta reflexão. Assim, concordo com Das sobre a não passividade da vítima, insistindo que a agência humana está situada em um campo de relações de poder e inscrita em contextos estruturantes, mas não sobre-determinados (Apud Ortega; 2008).

Mesmo Dom Jorge e Dona Glória vivenciam uma situação complexa pela vulnerabilidade em que a doença os deixa e a decadência de seus corpos que lhes exige maiores esforços na hora de levar à frente as situações do dia-a-dia. Eles têm a capacidade de agenciar sua cotidianidade. As viagens às cidades mais próximas são muito comuns na vida dos incanos e na deste casal em específico, pois é muito mais econômico fazer as compras fora do vilarejo devido aos preços altos praticados no povoado. Por esse motivo, mesmo que as viagens representem um desgaste corporal e seja contraindicadas no caso de suas doenças, o casal prefere fazê-las. Como eles moram sozinhos, Dona Glória prefere que Dom Jorge a acompanhe a deixá-lo em casa, isso para evitar que enfrente uma crise sozinho. Desta forma, forma Dona Glória fica mais tranquila e acredita que está cuidando dele. No entanto, o casal às vezes recebe a ajuda de alguns vizinhos amigos, especificamente de um jovem amigo que gosta muitos deles, José. José é um rapaz de 24 anos que trabalha vendendo sanduíches em uma banca localizada no povoado, ele está constantemente preocupado com o que acontece com o casal, costuma visitá-los regularmente e os ajuda no que for preciso. Quando José pode, dá carona para o casal em seu carro, aliviando o desgaste que implica a viagem para eles. Apesar da debilidade que mostra Dom Jorge com sua doença e Dona Glória com suas dores, ambos mantem seus lugares sociais dentro de sua casa, e mesmo que José os ajude, eles não aceitam que gaste seu dinheiro com eles, devolvendo sempre, cada vez que o rapaz leva algo para a casa do casal, ou insistindo que se alimente quando está na casa, ou seja, cumprindo com os papéis sociais de donos da casa e anfitriões.

A situação vivenciada por este casal se dá em meio a uma situação socioeconômica difícil que constitui o contexto estruturante em que vivem, recordando Veena Das. Aliás, retomando as colocações de Diniz, as situações de decadência física não são apenas produto de uma condição individual pela deterioração natural do corpo, também são produto de uma organização social, neste caso a mineração. Neste sentido, as doenças de que sofrem tanto Dom Jorge quanto Dona Glória acham-se relacionadas às condições específicas nas quais se realiza a mineração. Dom Jorge adoeceu de silicose, resultante do fato de que a atividade *pirquinera* não considerava o uso de acessórios de segurança que pudessem evitar ou minimizar os efeitos negativos da atividade. Assim, ele aspirou muito pó de sílica durante sua vida laboral. A silicose é uma doença pulmonar irreversível, produzida pela aspiração permanente de pó de sílice livre cristalizada. Esse pó produz alterações fibrosas nos pulmões diminuindo a capacidade respiratória visto que o órgão perde elasticidade. A aspiração da sílice se dá em contextos mineradores como a perfuração, carregamento de materiais como pedras e rochas, etc. (Associação chilena de segurança⁴). Dona Glória, por sua vez, trabalhou nas minas carregando materiais para o exterior em carrinhos, o que afetou seus ossos, sendo que a própria queda que sofreu há alguns anos foi provocada pelo abuso de álcool, substância muito presente em contextos mineradores. Também a lógica dessa atividade econômica torna difícil que os mineradores se ocupem em acumular poupanças ou contribuir para sua velhice. Tal quadro faz com que muitos mineradores *pirquineros* enfrentem sua velhice sem uma aposentadoria que os possa sustentar. No caso deste casal, ambos recebem pensões pagas pelo Estado chileno, as quais não são muito vultosas, o que dificulta ainda mais uma situação complexa de doença.

Nesse contexto, deve-se interpretar o seguinte comentário da Dona Glória, quem em uma oportunidade me solicitou que cortasse as unhas de seus pés visto que não conseguia fazê-lo porque seus quadris não permitiam que ela se agachasse enquanto que Dom Jorge estava impossibilitado pela doença de fazer esforços físicos. No momento em que lhe prestei aquela pequena ajuda me olhou com tristeza dizendo que quando tinha minha idade ela conseguia cuidar de seus pés e mantê-los tão bonitos como os meus, que podia se acocorar e levantar as pernas. Ela acredita que seu sofrimento vai acabar, que vai conseguir descansar da dor quando morrer.

4. Os próximos passos.

Neste texto meu objetivo foi mostrar como o estudo do processo de envelhecimento e da vivência da velhice merecem um enfoque que situe o corpo mais além de pensá-lo como um mero objeto para um “eu penso”. Assim, apresentei o caso de um casal que mora em um povoado minerador do norte do Chile no qual se desenvolve uma atividade mineradora tradicional chamada *pirquineria*. A vivência da velhice por parte desse casal se caracteriza pela presença de doenças incapacitantes que os deixam em situações de

⁴ Asociación Chilena de Seguridad. ACHS: www.achs.cl

vulnerabilidade em um contexto estruturante no qual o processo de envelhecimento foi marcado por condições de trabalho que agravaram o processo natural de decadência do corpo.

Neste contexto, salientei que para uma reflexão deste tipo me serviria de duas argumentações de Diniz para o estudo da deficiência, uma primeira relacionada com o reconhecimento do ambiente social que muitas vezes pode ser hostil à diversidade e uma segunda vinculada ao conceito de interdependência, visto que há algumas realidades nas quais a independência ou autonomia não é possível. Sobre a primeira questão discuti no presente texto, enquanto que a segunda questão cogito refletir nos próximos passos da pesquisa doutoral em andamento.

Dentro da discussão sobre a interdependência espero pensar a vivência dos idosos que precisam de objetos para se movimentar como bengalas, carrinhos, oxigênio, como o caso de Dom Jorge e Dona Glória. No sentido do dito por Merleau-Ponty “ao constituir-se o mundo com o objeto técnico, este passa a ser meio para a constituição do mundo” (Apud Botelho; 2008, pág. 72).

Referências

- ABARCA, M. *Vejez: entre imagen y realidad: estudio etnográfico sobre la participación de los adultos mayores en organizaciones*. 1993. Tese (Doutorado em Assistência Social) - Universidad Católica de Chile, Santiago, Chile, 1993.
- ARNOLD, M.; THUMALA, D.; URQUIZA, A.; OJEDA, A. *Inclusión y Exclusión social del Adulto Mayor en Chile*. Opiniones, expectativas y evaluaciones de la población chilena sobre diferentes modalidades de inclusión y exclusión social de las personas adultas mayores. 2009. Disponível em: <http://www.esistemicosvejez.cl/upload/est_pdf/5.pdf>
- ARREDONDO, R. *La trashumancia en la minería del Norte Chico*. Departamento de Cultura y Turismo, Ilustre Municipalidad de Diego de Almagro, 2014.
- Asociación Chilena de Seguridad. *Manual Silicosos*. s/a
- BOTELHO, F. La fenomenología de Maurice Merleau-Ponty y la investigación en comunicación. *Signo y Pensamiento* 52 · volumen XXVII · enero - junio 2008
- CERQUERA, A.; ALVAREZ, J.; SAAVEDRA, A. Identificación de estereotipos y prejuicios hacia la vejez presente en una comunidad educativa de Floridablanca. *Psycologia avances de la disciplina*, v.4, n.1, p.73-87, Jan./Jun. 2010.
- CUDDY, A.; NORTON, M.; FISKE, S. This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. *Journal of Social Issues*, v.61, n.2, p.267-285, 2005.
- DARNTON, R. Histórias que os camponeses contam. In: _____. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, p.21-50, 1986.

- DINIZ, D.; O que é deficiência. Editoria Brasiliense, 2007.
- FASSIN, D; When bodies remember. University of California Press, Ltd. London, England, 2007.
- GASTROM, L.; VUJOSEVICH, J.; ODDONE J. La vejez como objeto de las representaciones sociales. In: *Jornadas Gino Germani*, IIFCS. Buenos Aires: Instituto de investigaciones Gino Germani, 2003. Disponível em: <www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/argentina/germani/gastron.rtf>
- JORQUERA, P. Vejez y Envejecimiento: Imaginarios Sociales presentes en los textos escolares oficiales del Ministerio de Educación Chileno. *Revista MAD*, n.22, Mayo 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.uchile.cl/index.php/RMAD/article/viewFile/13642/13920>>
- Le BRETON, A. Antropologia del cuerpo, Editora Nueva Visión, 2008.
- MAUSS, M. “As técnicas corporais”. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif. 2003.
- MARTENS, A.; GOLDENBERG, J.; GREENBERG, J. A terror management perspective on Ageism. *Journal of Social Issues*, v.6, n.2, p.223-239, 2005.
- MONCHIETTI, A.; SÁNCHEZ, M. Acerca de la génesis de la representación social de la vejez. *Revista Argentina de Sociología*, Año 6, n.10, 2008.
- ODDONE, J. La vejez en la educación básica argentina. In: SALVAREZZA, L. (Compilador). *La vejez una mirada gerontológica actual*. Argentina: Paidós, 1999. p.53-73.
- OKOYE, U. Knowledge of aging among secondary school students in south- eastern Nigeria. *Educational Gerontology*, v.30, n.6, p.481-489, 2004.
- ORTEGA, F. et all (orgs) Veena Das: Sujeitos del dolor, agentes de la dignidade. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2008.
- OSORIO, P. Exclusión Generacional: La Tercera edad. *Revista MAD*, n.14, Mayo 2006. Disponível em: <<http://www.revistamad.uchile.cl/14/osorio.pdf>> Acesso em: 28 mai. 2009.
- QUESADA, J. Suffering Child: An Embodiment of War and Its Aftermath in Post-Sandinista Nicaragua. *Medical Anthropology Quarterly*. 12(1):51-73,1998.
- ROMERO, I. *Pirquineros del Oro de la Sierra Jesús María: Una mirada etnográfica*. 2011. Memoria para optar al título de Antropólogo Social. Universidad de Chile, 2011.
- CSORDAS, T. “A corporeidade como um paradigma para a Antropologia”. Em: Corpo, significado, cura. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

- STEVENSON, A. Estudio de Posicionamiento del valor social del adulto mayor en los textos escolares de educación básica. Servicio Nacional del Adulto Mayor, 2006. Disponible em: <<http://www.Stevenson.cl/archivos/TEXTOSESCOLARES.pdf>>
- TORREJÓN, M. *Imaginario social de la vejez y el envejecimiento*. Análisis de Contenido de Prensa Escrita: El Mercurio, Las Últimas Noticias y La Cuarta. 2007. Tese (Mestrado em Antropología y Desarrollo) - Universidad de Chile, Santiago, Chile, 2007.
- TREVIÑO, S.; PELCASTRE, B.; MÁRQUEZ, M. Experiencias de envejecimiento en el México rural. *Salud Pública Mex*, v.48, p.30-38, 2006.
- TRIGUERO, M.; NASCIMENTO, C.; VIZEU, B. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v.12, n.002, 1999.
- VERA, L.; ROJAS, P.; MOYA, M.; GODOY, E.; SALINAS, M.; DUARTE, L.; CARTES, S. *Sexualidad para adultos mayores*. Documento de trabajo. Santiago: Universidad de Chile. 2004.
- VOGEL, N. *Observaciones del envejecimiento desde la ruralidad chilena: El caso de Malalcahuello, IX Región*. 2010. Tese (Mestrado em Antropología y Desarrollo) - Universidad de Chile, Santiago, Chile, 2010.